

OUTONO

25.5.49
RUBEM BRAGA

O OUTONO tem andado tépido, senhores, e no alto apartamento de madame Mineur nós pudemos ver de perto esse casal de grandes artistas: Nathalie Phillipart e Jean Babllée. Ele naturalmente é menor que no palco, e informarei às muitas jovens apaixonadas que o rapaz se parece com o poeta Paulo Mendes Campos (que por azar está em Paris), só que é mais forte e de idade tem 22 anos. Anibal Machado disse que ele tinha o ar de um dos irmãos Marx, e ele se pôs a imitar Groucho. Ela oferece, além de tudo que se vê no palco, a surpresa sensacional de ter os olhos azuis (à noite, pelo menos, são azul safira) e, embora em dois "ballets" consecutivos tenha assassinado o rapaz, parece ser boa moça.

Quanto à primeira ballarina, Irene Skourik, tem 20 anos e é parecida com a Gloconda ("no Cairo já me disseram isso") e bastante tímida.

Mme. Mineur recebe da maneira mais encantadora, mas de um modo geral aconselho a todas as pessoas residentes no Rio de Janeiro a não fazerem reuniões de qualquer espécie à noite, pois a polícia se acha agora no direito de invadir qualquer casa para ver se o pessoal está jogando pif-paf ou bisca.

Inútil citar o que a Constituição diz sobre a casa da gente ("asilo inviolável") porque eles não ligam para isso, como ficou provado no caso desse apartamento de Laranjeiras em que os donos da casa e três convidados estavam jogando e foram todos em "cana".

Antigamente a polícia só fazia essas coisas em casa de gente pobre, de maneira que nem valia a pena comentar porque pobre não tem direito mesmo, ou então de gente que tem idéias políticas diferentes das idéias do governo (o que é um feio crime); agora o nível social da "cana" arbitrária está subindo, o que afinal prova que todos são iguais perante a lei, isto é, ninguém tem direito nenhum. Evitem, portanto, o "buraco", o sete-e-melo ("dois patinhos na lagoa..."), a vispora marcada com milho e por segurança também o jogo de damas. De um modo geral, evitem tudo.

Mas já que desta vez mexeram com um advogado conhecido, vamos ver se dá jeito de ele, a vítima, processar o delegado; assim a gente fica sabendo logo se esse negócio de Constituição tem mesmo ou é boato que espalharam.

Fora disso a professora Zilma, de Cachoeiro, manda dizer que está distribuindo capotinhos feitos com retalhos e "alguns fazendeiros se reuniram e nos mandaram, de pancada, oitenta cachos de banana; a criança se fartou, e eu soube que alguns fazendeiros ficaram zangados porque não fomos apanhar nas fazendas deles; vou tentar uma carona para ir buscar mais bananas". Ela quer dar uma festa no dia de S. Pedro (que é o dia da cidade) e pede presentes das fábricas de bebidas e bonbons. Os senhores me desculpem ficar toda hora falando nisso, mas a coisa é importante.

O sr. Correia e Castro continua no "diz que vai mas não vai" com o Congresso, e para acabar lhes darei, senhores, uma nova sensacional, de parar o trânsito e fechar o comércio (com exceção das livrarias que permanecerão abertas e acesas através das noites) e é que o editor José Olímpio vai lançar brevemente o livro de crônicas "A carteira azul", excelente livro; mas quanto ao nome do autor a minha notória e escandalosa modéstia não me permite revelar.